

Inglês prevê que o Brasil vai dar um novo "calote"

Londres "O Brasil não cumprirá, mais uma vez, com o pagamento do serviço de sua dívida, a não ser que receba novos empréstimos", afirma um informe do **Economist Intelligence Unit**, de Londres.

Especializado em informes econômicos sobre países, o **Economist** diz que o Brasil "retomará a curto prazo as negociações com os bancos comerciais e com o Clube de Paris" mas não acredita ser possível que se consiga "uma reestruturação da dívida antes de 1988".

O informe acrescenta que "o futuro das finanças externas do Brasil dependerá da efetividade e da oportunidade das medidas para combater a inflação, e da restauração de uma taxa de câmbio mais realista".

"Ambas as medidas — prossegue — exigirão restrições temporárias na demanda interna (ou seja, medidas de austeridade), o que significará um importante risco político para o governo e, em consequência, é provável que o PMDB governante favoreça que na Constituição que deve ser promulgada este ano se estipule a realização de eleições em 1989".

O informe diz ainda que "o crescimento do Produto Nacional Bruto é estimado em menos de 4 por cento para 1987-88, refletindo uma redução na demanda doméstica, enquanto que o investimento será menos intenso, como resultado de cortes nos projetos públicos e da provável incerteza nas esferas empresariais".

Espera-se que para 1989 se produza uma reviravolta na situação econômica do Brasil, com um consumo privado mais intenso e o crescimento do investimento, mesmo quando a taxa de inflação permaneça elevada, estabilizando-se em torno dos 150 por cento anuais, assinala o documento.

"Durante o período 1987-1992, o Brasil não conseguirá aumentar substantivamente o seu excedente comercial, dados os objetivos de crescimento a médio prazo do governo e a importância do mercado interno, mas se consegue um excedente comercial de nove ou 10 bilhões de dólares no início do período em questão, as restrições do setor externo serão mais manejáveis a médio prazo".

O informe do **Economist** acrescenta que "devido a que os empréstimos de bancos internacionais serão limitados e as reservas de divisas continuarão escassas, se dará importância a outras formas de manejo da dívida, como o sistema de conversão de dívida em ações", dizendo também que "uma mini-crise externa pode ocorrer em 1989, se a Prime Rate e a Libor, nos Estados Unidos, aumentam a 9,5 por cento e oito por cento respectivamente, como consequência do importante déficit do orçamento dos Estados Unidos", concluindo que "as necessidades de financiamento externo do Brasil se situarão em torno dos sete a 8 bilhões de dólares anuais, o que poderia resultar no incremento dos juros não pagos, a menos que o Brasil consiga novos empréstimos".